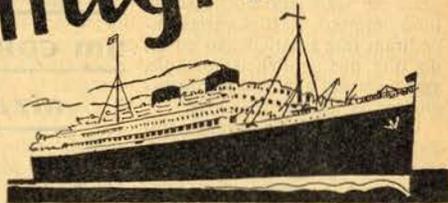


O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração:

RUA FERNANDES TOMAZ, 20-1.º
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro
Propriedade do S. N. E. A. E. N. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA...

REFORMA DE REGULAMENTO

BARRA FORA...

Médicos-inspectores

No intuito de contribuir para a melhoria dos serviços de assistência ao emigrante; fizemos num dos nossos últimos números um apêlo aos Ex.^{mos} Srs. Médicos-inspectores pondo à sua disposição as colunas deste jornal, para que nelas pudessem vir expôr as suas opiniões sobre assuntos de tão grande interesse para todos.

Eles, talvez melhor do que nós, com a sua autoridade de chefes, com a sua competência profissional, estariam em condições para ditar os princípios reformadores dos serviços e indicar os seus defeitos, etc.

Caíu em saco roto o nosso apêlo, porque dos vinte e tantos médicos-inspectores que compoem o quadro, nem um só teve que dizer uma linha sequer sobre os serviços que a bordo dirigem.

Talvez por comodismo, talvez por errada noção da sua autoridade hierárquica, seja porque fôr, o silêncio que obtivemos como resposta, é um sintoma que cumpre registar com desagrado.

Sindicato do Norte

A quando da realização do comício anti-comunista realizado em Lisboa, deslocaram-se à capital dois delegados do sindicato congénere do Norte.

Porque não tínhamos sido avisados da sua vinda não os fomos abraçar à estação, como era nosso dever.

Mais tarde êsses delegados visitaram a nossa sede e porque o director que estava de serviço não os conhecia pessoalmente, não lhes satisfez um pedido, que justo seria ser atendido.

Foi uma pequena falta sem intenções reservadas, que poderia ter esfriado um pouco as cordeais relações entre os dois sindicatos, se não fôra as leis explicações que se deram, ficando assim imutáveis os laços de amizade que unem os dois organismos.

Partes de doente

Para conhecimento dos nossos associados cumpre-nos mais uma vez esclarecer que, por ordem superior, os indivíduos que dão parte de doença, entram na respectiva escala de trabalho dez dias depois da data do levantamento da mesma.

Mais uma vez, muito a nosso pesar, voltamos a abordar o problema da reforma do Regulamento dos Serviços de Emigração, aprovado por decreto n.º 19.029, de 13 de Novembro de 1930.

E' o conhecimento que dia a dia vamos tendo de factos extraordinários passados a bordo de diversos navios, que nos impõe que insistamos nesta questão, pondo nessa insistência a esperança de uma resolução breve.

Quem observar de perto a regularidade com que os serviços se fazem em terra, a forma rápida, certa e precisa como trabalha o pessoal da repartição dos serviços de emigração, a regularidade com que se movimentam as escalas de trabalho, a maneira fácil como o pessoal embarca e desembarca, poderá afirmar que tudo se passa bem, tudo decorre normalmente, que a máquina, montada como está, vai dando o rendimento previsto e necessário.

E dir-se-há, então, que a reforma, posto que interessante, não é de urgência—antes um excesso de perfeição simpático, mas dispensável.

Ora a verdade é que a razão de ser, a principal razão de ser dos serviços de assistência ao emigrante consiste nos serviços de bordo, sendo os trabalhos de terra um complemento dêles.

E são precisamente os serviços de assistência a bordo que precisam urgente e inadiável reforma.

Em terra tudo decorre bem graças à directa e activa orientação do seu director, o Ex.^{mo} Sr. Tenente Castro e Silva, mas a bordo o caso muda de figura.

Aqui temos um chefe, a bordo nem sempre o temos.

Cada Ex.^{mo} médico tem seu critério, sua linha de conduta e os serviços sofrem desta anarquia directiva.

O que a uns interessa muito, a outros merece o mais soberano desprezo.

Só numa coisa todos são concordes: é na afirmação de que não há diploma que determine taxativamente a sua orientação a bordo.

E nesta parte temos de nos curvar e dar-lhes razão.

Falta realmente um diploma que fixe ampla e pormenorizada-mente as funções directivas e executivas dos Ex.^{mos} médicos a bordo, diploma que estabeleça também a forma de em terra se poder comprovar e avaliar essa acção. Em tôda a parte os serviços são bons ou maus consoante a orientação dos seus dirigentes.

Com uma chefia que se não pode exercer uniformemente, nem comprovar como é mister, os serviços terão de ser incompletos, improficuos e quasi que inúteis.

Eis porque insistimos na reforma do Regulamento, embora se tenha de regulamentar em longa ordem de serviço, e apenas para applicação a bordo.

Como eles nos ajudam!!

Oficiou o Sindicato aos agentes dos armadores proprietários do vapor «Eubee», a firma Diogo Joaquim de Matos, Lda., solicitando-lhe que diligenciassem obter dos mesmos uma indemnização aos naufragos, nossos camaradas como compensação dos prejuizos sofridos por ocasião do naufrágio e a qual tem incontestável direito.

Ofício redigido em termos correctos, como é norma nossa, deveria merecer daquela firma a consideração duma resposta, ao menos informando-nos que a questão estava sendo tratada directamente entre a firma e a repartição dirigentes dos serviços.

Era um Sindicato Nacional, um organismo corporativo, uma entidade com individualidade jurídica, uma coluna embora frágil, do Estado Novo Corporativo que se lhe dirigia correctamente, e por isso mesmo merecia o respeito de uma resposta.

Mas não foi assim. A firma Diogo Joaquim de Matos não quiz descer a corresponder a uma carta de um Sindicato Nacional, apesar da resposta ter sido solicitada por novo officio.

Registamos o facto mas ocorre-nos perguntar: quando é que as actividades economicas patronais se resolvem a encarar a sério, como devem, a organização corporativa da Nação?

Biblioteca

Continua a ter grande movimento de entradas e saídas de volumes da nossa biblioteca, mas ainda não foi possível convencer os leitores dos inconvenientes e prejuizos que traz a demasiada demora dos volumes em poder dos requisitantes.

Mais uma vez chamamos a atenção dos associados para o assunto, convidando lembrar igualmente que os livros tem de ser entregues em perfeito estado de conservação, sob pena do não pagamento.

**Este número foi visado
pela
Comissão de Censura**

O Naufrágio do Vapor "Eubée"

O relato desta tragédia já deveria ter sido feito no nosso último número. Razões várias impediram que a notícia não saísse, do que nos penitenciamos hoje, apresentando aos nossos companheiros as nossas desculpas.

Um naufrágio é sempre um doloroso transe para quem anda por sobre as águas do mar. Felizmente que naquele que atingiu os nossos presados consócios a tragédia reduziu-se a proporções mínimas, visto que não houve vítimas a lamentar, graças a decisão e coragem de dois tripulantes que conseguiram com risco da vida fechar o vapor às caldeiras evitando assim a explosão que faria perder a vida à quasi totalidade dos passageiros e tripulação.

Ouçamos a descrição do acontecimento relatada pelo nosso associado Guilherme Henrique de Oliveira, colega cheio de grandes qualidades, que fez parte da segunda direcção do nosso Sindicato:

O naufrágio por abaloamento

Fazendo parte da Assistência aos Emigrantes embarcaram em Lisboa em 24 de Julho p. p. os seguintes indivíduos.

Dr. José Marques da Silva (Quadro do Pôrto), Inspector dos Serviços de Emigração a bordo do *Eubée*.

Albértina Salgueiro (Quadro do Pôrto), Enfermeira dos Serviços de Emigração.

Joaquim Dias (Quadro do Pôrto), Ajudante de Enfermagem.

Bernardo Eusébio Gomes (Quadro do Pôrto), Creado dos Serviços de Emigração.

João Francisco Gomes (Quadro do Pôrto), idem.

Fernando Vieira dos Santos (Quadro do Porto), idem.

Francisco Vilar de Carvalho (Quadro do Pôrto), idem.

Maria Custódia (Quadro do Pôrto), Creada.

Domingos de Jesus Lopes (Quadro de Lisboa), Enfermeiro dos Serviços de Emigração.

Guilherme Henrique d'Oliveira (Quadro de Lisboa), Creado do Serviço de Emigração.

Armando António Soares da Silva (Lisboa), idem.

Maria Gertrudes da Costa (Lisboa), creada.

Saimos de Lisboa no dia 24 de Julho pelas 20 horas aproximadamente com destino ao Rio de Janeiro onde chegámos pela manhã do dia 9 de corrente. Saimos deste pôrto em 10 por volta do meio dia.

Chegámos a Santos em 11, de manhã.

Saimos deste pôrto em 12 do corrente por volta do meio-dia.

A descrição da tragédia feita por um colega — Exige-se uma indemnização para os naufragos

Até Santos a viagem correu normal. Desembarcaram nestes dois portos 160 passageiros aproximadamente, na sua grande maioria portugueses.

Seguindo com destino a Buenos Aires apenas 4 desta nacionalidade.

No dia 14 do corrente pelas 5,20 da madrugada, quando toda a gente dormia, excepto os que se entregavam à sua dura tarefa, alguém sentiu apitar dois vapores que tiveram a impressão de que estavam a pouca distância um do outro, e num dado momento sentiu-se um violentíssimo choque.

Apavorados, quer passageiros quer tripulantes, saltaram dos seus alojamentos, às apalpadelas, dirigindo-se ao convés para ver o que se passava.

Infelizmente, por falta de luz com a escuridão que fazia não nos podíamos certificar do que de anormal se passava. Apenas se ouviam gritos aflitivos que partiam de todos os lados. Depois de alguns minutos passados deparou-se-nos o quadro mais horrível da nossa existência.

Balieiras despedaçadas, ferros e vigias quebradas, etc.

Ainda com as roupas com que se deitaram apareceram creanças, mulheres e homens, correndo em várias direcções, gritando com a aflicção sem saber a sua sorte. Passa-lhos alguns instantes começou-se o trabalho de salvamento.

Em virtude do estado de má conservação, as balieiras arrebavam-se com notória dificuldade. Uma delas pelo motivo de um dos cabos estar velho e portanto incapaz, desprendeuse dum dos lados, tendo-se precipitado no mar, um dos oficiais franceses do *Eubée*.

O transporte dos passageiros e dos tripulantes para as balieiras foi feito com toda a normalidade.

Quando uma senhora descia pela escada, a que em linguagem marítima chamamos "escada quebra costas", a balieira com o impulso da vaga, veio de encontro ao costado, na ocasião em que ela estava para saltar, despedaçando-lhe uma das pernas.

Depois de todos os passageiros e parte dos tripulantes, estavam nas balieiras, começou-se a remar para nos afastarmos do *Eubée*. Andámos à deriva bastante tempo até que nos appareceu o *Corinaldo*, vapor inglês de

carga, que horas antes havia abalroado com o *Eubée*. Depois de recebermos ordens dirigimo-nos a êle, para ali deixar-mos os passageiros. Eram 10 horas.

Quando os passageiros subiram o portaló do *Corinaldo*, eu e 3 dos meus companheiros portugueses, que os acompanhavam na balieira n.º 11, tentámos subir também, o que nos foi impedido pelos tripulantes franceses, obrigando-nos a voltar de novo ao *Eubée*.

Uma vez ali, encontrei-me com o Comissário que falava português, e perguntei-lhe se estava imminente o afundamento do vapor, ao que êle me retorquiu.

— Vá lá para baixo tranquilo porque não há novidade de momento.

Eu e os meus três companheiros acima referidos descemos e andámos a ver de perto o estado em que o vapor se encontrava. As caldeiras e máquinas completamente inundadas. Nos porões não se via água a não ser junto à cosinha umas camaratas com bastante água o que se nos afigurou ser das vigias que estavam abertas, na ocasião do abaloamento. Depois de permanecer algum tempo a bordo vimos alguns tripulantes franceses com trouxas de roupa e imediatamente tratámos de ir ao nosso camarote, às apalpadelas (visto ser interior) para podermos salvar alguns dos nossos haveres. Passados instantes vimos os criados franceses que dormiam num camarote contiguo ao nosso, trazer para o convés superior algumas malas. Vendo isto fomos ao camarote e trouxemos as nossas tendo o meu caro camarada Silva ido ao camarote das criadas buscar o que pode. Trouxe então o que à vista encontrou. Tendo sucedido como a nós, que perdemos tudo o que estava nos armários.

Depois fui eu quem descia para a balieira que não posso precisar o número, para arrumar as malas e trouxas, enquanto êles portugueses e franceses, as desciam por cordas e à última hora arremessavam-nas. Antes disto fomos ao camarote da Enfermeira e do Enfermeiro que era no mesmo pavimento, onde se descia para as balieiras para lhe poder salvar alguns dos seus haveres. Não conseguimos porque as portas desses camarotes se encontravam fechadas. Com a precipitação deixámos de trazer para bordo do *Corinaldo* a mala

do companheiro Vilar de Carvalho que nos ficou no convés que dava acesso aos botes. Chegados ao *Corinaldo* verificou-se a falta desta mala. Então o Vilar de Carvalho e o Silva, êste a pedido do médico, do enfermeiro e da enfermeira, voltaram de novo do *Eubée*. Isto deveria ser 1 hora da tarde aproximadamente. Anciosos esperámos a vinda destes até às sete horas da noite dêsse mesmo dia, em que nós partimos para Montevidéu a bordo do *Corinaldo*, onde chegamos na madrugada do dia 16 do corrente.

Passamos frio, sono, fome, etc., isto porque o *Corinaldo* é um vapor de carga e por êsse motivo não tinha viveres e alojamentos. Gratíssimos ficámos a êsses bondosos ingleses pelas suas demonstrações de solidariedade humana. Alguns dos muitos naufragos que iam quasi nus e a maioria descalços, êles compartilharam do seu vestuário e calçado a êsses que a desdita os havia encontrado.

Uma vez em Montevidéu appareceu-nos no momento de desembarcar a figura prestigiosa da diplomacia portuguesa o Ex.^{mo} Sr. Consul Geral de Portugal naquela Capital. Sem que os 4 passageiros portugueses e nós fôssemos destinados a um hotel dessa cidade. Sua Ex.^a não nos desamparou. Os quatro dias que ali permanecemos Sua Ex.^a sempre nos visitou e auxiliou no que lhe foi possível. A êle o nosso maior reconhecimento de gratidão. Sempre com a maior anciedade pela falta dos nossos dois companheiros estivemos em Montevidéu até 19 do corrente.

Embarcámos nesse dia à noite no Paquete inglês *Arlanza*, cheios de esperança de encontrar mos em Santos os nossos dois companheiros.

A indemnização

Vê-se pela brilhante descrição que acima publicamos, que os nossos colegas sofreram, além do abalo moral (e só quem tenha passado por êle o poderá avaliar) prejuizos materiais e físicos que têm de ser postos em relêvo.

Estes nossos companheiros não tiveram até hoje qualquer compensação material dos prejuizos que sofreram, e aqui cabe lamentar que assim tenha sucedido.

Os tripulantes franceses sabemos nós que receberam uma indemnização, mas quanto aos tripulantes portugueses nada ainda há resolvido.

Sabemos que a Repartição dos Serviços de Emigração se está occupando da questão junto da agência da Companhia proprietária do *Eubée* a firma Diogo

Continua na 3.^a pag.

A actuação das criadas a bordo

Uma iniciativa que se impõe

O pessoal feminino nosso associado (referimo-nos às criadas) têm ultimamente sofrido a bordo por parte dos directores do sindicato uma sensata vigilância, para que se evitem certas atitudes que pouco honravam a classe, e a nossa qualidade de estrangeiros.

Nas colunas deste mensário se fizeram apêlos enérgicos, para que a dignidade da classe não fosse abalada com condutas infelizes por parte dos associados e muito especialmente pelas nossas colegas, criadas.

Mercê dessa campanha de moralização, ainda não terminada, algumas sofreram castigos pesados, e oxalá que nenhum mais venha a ser impôsto.

Estes são os nossos votos muito sinceros.

Hoje, porém, queremos pôr em destaque um ponto que influi consideravelmente na conduta das nossas associadas a bordo, para que em seu desagravo alguém apareça a erguer-se, defendendo-as com a mesma lealdade e imparcialidade com que as acusariamos.

E' raro que a bordo elas não sofram a perseguição tenaz do pessoal do navio com cargos de comando, ou em especial do mestre de hotel.

Criada que caia no desagrado do mestre de hotel, é certo que tem de levar uma viagem tormentosa, sujeita aos mais pesados trabalhos.

Como para as criadas não há serviço regulamentarmente destinado, o que não se justifica, estão sujeitas à vontade descricionária dos superiores.

Há que lhes lavar e engomar a roupa, há que suportar seus humores, manifestados sem reboço, se quiserem levar uma viagem socegada sem sofrerem a vingança dos chefes, traduzida de muitos modos, vingança que pode ser muito prejudicial.

Pois bem, a direcção do Sindicato está decidida, como é seu dever, a tomar a defesa das suas associadas e a lutar para que sejam tratadas com o respeito e dignidade a que têm direito.

E assim quando alguma consócia sofra a bordo a vingança de qualquer chefe, por não ter querido afastar-se das rígidas normas do respeito e boa compostura que se lhe exige, não tem mais que apresentar-se à direcção e formular a sua queixa devidamente comprovada e testemunhada.

O Sindicato por sua vez intercederá junto da séde das companhias para que sejam devidamente castigados os que não sabem apreciar e tratar como devem, uma mulher que trabalha porque precisa, e que por isso mesmo merece tanto respeito como qualquer homem.

UMA QUESTÃO IMPORTANTE

O alojamentos do pessoal a bordo e as vistorias

Por várias vezes temos conhecido de reclamações dos nossos associados sobre a miséria dos alojamentos distribuídos ao pessoal português, a bordo de alguns navios, principalmente ingleses e franceses.

Não quizeremos abordar o assunto há mais tempo na presunção de que se tratasse de um caso isolado não merecedor de reclamação em fôrma.

Ultimamente, porém, são em maior número de queixas apresentadas, e verificamos então que elas tinham fundamento.

Superiormente — e muito bem — é exigido a todo o pessoal, sem distinção de categorias, o máximo rigôr na apresentação, e maior delicadeza e carinho para com o emigrante, a mais rigorosa e leal obediência e respeito para com os chefes de bordo e médico inspector.

Tudo muito bem. Mas como compensação destes deveres, há-de necessariamente de corresponder-lhe direitos, e de entre esses, o do alojamento é primacial.

Um camarote, acanhado, infecto e sem respiração onde se não possa descansar as poucas horas de repouso que um trabalho exaustivo nos deixa livres, é uma tortura e uma desumanidade.

Há navios onde se não tem a mínima consideração pelo pessoal de assistência português; atiram-no para qualquer camarote, em qualquer local, sem que às vezes se tenha procedido à mais elemental limpeza.

Chega a transformar-se uma arrecadação de roupa suja ou de colchoaria velha, em camarote para pessoal, onde todos são apinhados, sem espaço para a mala da roupa etc, etc.

Isto quando não misturam o pessoal português com o pessoal estrangeiro, polacos ou espanhóis, sujeitando-nos a influências e coações diversas.

Com o pessoal de enfermagem e em especial com os ajudantes de enfermagem também se dão frequentes casos de fazer espantar o mais incrédulo.

A este pessoal deveria caber alojamento perto do hospital, mas raro acontece assim.

Citemos um caso passado num vapor inglês há dias saído do nosso porto.

Ao ajudante de enfermagem foi destinado um camarote imundo e infecto. Este camarote já tinha sido objecto de anteriores reclamações até do médico-inspector.

Como era impossível dormir ali, foi apresentado reclamação a quem de direito. E de autoridade para autoridade, a reclamação foi seguindo, mas quando chegou às autoridades do navio e agentes da companhia, surgiu esta resposta sêca e quasi que irónica de tôdas as viagens: o

camarote tinha sido aprovado pela comissão de vistorias!

Depois de muito instado o agente da companhia, conseguiu que se despejasse um camarote que estava a servir de arrecadação de colchões da 3.ª classe, o qual estava situado debaixo de uma cosinha!

Imagine-se a sorte daquele camarada dormindo debaixo do fôgo de uma cosinha, atravessando regiões tórridas.

Ora de tudo isto, um ponto queremos pôr em destaque, e esse é o da desculpa apresentada de que a comissão de vistorias aprova alojamentos desta espécie.

Sabemos que dessa comissão fazem parte individualidades que nos merecem muita consideração, individualidades que nutrem pela classe demonstrada amizade, para que acreditemos que sejam capazes de aprovar alojamentos onde gente humana não pôde habitar.

Não só por isso, como ainda pela noção exacta dos seus deveres, recusamos a convencer-nos de que sejam conhecedores da existência desses nichos, como destinados a alojar pessoal de assistência português.

Desejamos muito sinceramente vêr este assunto trata-lo com o carinho que merece, pelo que nos permitimos chamar para êle a atenção do illustre director dos serviços de assistência aos Imigrantes, com a esperança muito fundada de que S. Ex.ª o tratará com o interesse que costuma pôr nos problemas justos.

O naufrágio do vapor 'Eubée'

Continuação da 2.ª pag.

Joaquim de Matos & C.ª, mas até agora nada se resolveu.

O Sindicato por sua vez offiou aquela firma, fazendo a sua reclamação para que aos naufragos portugueses seja paga a indemnização que merecem.

A firma Diogo de Matos porém, impoliticamente, diga-se bem alto, não respondeu a esse officio nem a outro em que se insistia pela resposta ao primeiro.

É uma attitude que se não concebe para com o Sindicato Nacional, que sempre tem primado por conduzir as suas relações com as agências com a maior elevação e respeito.

A attitude daquela firma merece ser posta em relêvo e apontada a quem de direito.

Está o Sindicato disposto a empregar todos os meios ao seu alcance para que aos seus associados seja feita a justiça a que tem direito, inclusivamente recorrer aos tribunais, se tanto fôr necessário.

É bom que a firma Diogo de Matos tome nota disto, porque não é só na França que existem

Propaganda anti-comunista

O comício no Porto foi outra brilhante jornada

Por todo o país vai uma onda de revolta contra o comunismo, bem demonstrada na larga afluência que têm tido os comícios e as sessões de combate às doutrinas, de Moscou.

É fruto das monstruosas barbaridades praticadas pelos comunistas, as quais imprensa diariamente nos relata.

É a repulsa íntima que o povo sente por esses processos indignos de impôr um regime, que o faz vibrar no desejo de afastar para bem longe, de exterminar até, ê-se perigo que tantos e tantas vítimas tem causado.

Se o comício realizado no Campo Pequeno tinha redondado numa brilhante manifestação de fé nacionalista, a jornada do Porto, foi talvez mais grandiosa, porque foi talvez mais veemente o protesto contra o comunismo e contra aqueles que fornecem o ambiente para êle gerar.

No Palácio de Cristal fizeram-se afirmações que é necessário sejam ouvidas e ponderadas.

O problema do combate ao comunismo foi ali posto com mais eloquente verdade, porque mais fundo se buscaram as raizes do cancro comunista.

E porque a multidão trabalhadora tomou conhecimento das origens geradoras do comunismo, resta ao Estado Novo adoptar as medidas que o momento exige que que se tomem.

A ocasião não é de meios termos. No combate não há que olhar a pequenos nem a grandes. É necessário combater apenas, destruir sòmente.

Os trabalhadores portugueses receberam já, da boca dos dirigentes dos seus sindicatos, e ainda pela de outros, nos comícios e sessões realizadas, a palavra da verdade na luta anti-comunista, e essa luta não pôde ficar em meio.

Há que deixar livre e limpo de preocupações e de injustiças o cérebro do trabalhador, para receber e sentir um pleno dinamismo a nova doutrina.

Comícios como os realizados no Palácio Cristal e no Campo Pequeno têm de se fazer com mais frequência, não porque esfrie o entusiasmo do povo, mas para que os comunistas e os que lhe dão origem, não suponham que a onda passa.

leis protectoras dos trabalhadores.

Em Portugal também as há. Se a firma Diogo de Matos tem por elas soberano desprezo, como o demonstrou na sua attitude para com o Sindicato, alguém lhe fará ver como se engana.

Inscrição do pessoal a embarcar fora do decreto

AVISO IMPORTANTE

De harmonia com as deliberações tomadas na última assembleia geral, continua aberta a inscrição para os associados que queiram embarcar fora do decreto, nas categorias de *pantry-men*, cosinheiros, ajudantes de cozinha e serviços diversos.

As condições do funcionamento destas escalas constam da proposta aprovada naquela assembleia, e estão patentes na sede do Sindicato.

Podem ainda os associados apreciar-las no número do nosso jornal referente a 5 de Agosto.

Prevenimos todos os associados que se encontram em terra, e queiram inscrever-se naquelas escalas, o favor de o fazerem imediatamente na sede, onde pelo director de serviço lhe serão prestados os esclarecimentos que solicitar.

O praso da inscrição termina no dia 10.

JORNAL

Resumo do movimento de caixa durante o mês de Agosto de 1936

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	578\$00
Cotas	400\$00
Total	978\$00
CRÉDITO	
Tipografia	180\$00
Redacção e Administração	75\$00
Despesas Gerais	12\$00
	267\$00
Saldo para Setembro	711\$00
Total	978\$00

SINDICATO

Resumo do movimento de caixa no mês de Agosto de 1936

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	1.036\$45
Cotas	1.420\$00
Rendas	150\$00
Cadernetas Sindicais	2\$50
Telefone	4\$70
Total	2.643\$65
CRÉDITO	
Rendas	469\$30
Empregados	290\$00
Despesas Gerais	157\$75
Expediente	55\$70
Depósitos à ordem	500\$00
	1.472\$75
Saldo para Setembro	1.170\$90
Total	2.643\$65

SALIDAS NOS PORTOS
Aviso importante

Para conhecimento de todos os associados, se transcreve o officio recebido da Policia de Vigilancia e Defesa, em 5 do corrente, para cujo cumprimento chamamos a sua atenção:

"Como nos relatórios de alguns Srs. Medicos de Assistência aos Emigrantes, muitas vezes é referido que o pessoal á chegada aos portos em que os paquetes tocam e até mesmo á chegada a Portugal, abandonam os navios sem terem a devida atenção para com o respectivo médico, o que além de envolver um acto de indisciplina é também indicativo do desconhecimento da delicadeza que deve existir para com os seus chefes de Serviço, tenho a honra de solicitar de V. Ex.^a se digne tornar ciente ao respectivo pessoal que de futuro lhe é *expressamente vedada a saída de bordo*, sob pena de procedimento, em qualquer porto e até mesmo á chegada a Portugal,

CAIXA DE AUXÍLIO

Resumo do Movimento de Caixa em Agosto de 1936

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	15.917\$65
Cotas	1.435\$05
Total	17.352\$70
CRÉDITO	
Rendas	150\$00
Fundo de Funeral	300\$00
Fundo de doença	30\$00
Empregados	50\$00
	530\$00
Saldo para Setembro	16.822\$70
Total	17.352\$70

sem que o medico português de assistência dê o seu consentimento, evitando-se mormente á chegada a Lisboa e Leixões prejuizos para os emigrantes cujo estado de saude seja precario, o que por vezes já tem acontecido. — a) *Castro e Silva.*

A Direcção

Escala de Navios

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Cais
1 — Cap Norte	Alcantara .	Lisboa
6 — Saturnia	Rocha . . .	"
6 — Alcantara	Alcantara .	"
7 — Monte Sarmiento	"	"
10 — Hilary	Rocha . . .	Toca no Porto
14 — Hingland Princess	Alcantara .	"
17 — Massilia	"	"
18 — General Artigas	Rocha . . .	Toca no Porto
19 — Cap Arcona	Alcantara .	"
20 — Almanzora	"	"
22 — Vulcania	Rocha . . .	"
22 — Formose	Rocha . . .	Toca no Porto
22 — António Delfino	Alcantara .	"
28 — Higland Brigade	"	Toca no Porto
29 — General San Martin	"	Toca no Porto

Total: 15 vapores

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Cais
3 — Almanzora	Alcantara	Lisboa
4 — Hingland Brigade	Rocha	"
4 — Vulcania	"	"
4 — Massilia	Alcantara	"
5 — Cap Arcona	"	"
9 — Asturias	"	"
14 — General Osório	Rocha	"
18 — Anselm	Alcantara	"
18 — Hingland Patriot	Rocha	"
23 — Saturnia	"	"
24 — Belle Isle	Alcantara	"
30 — Monte Pascoal	"	"
31 — Arlanza	"	"

Total: 13 vapores

Catálogo da Biblioteca do Sindicato

- 138 — Guia Mercante — G. A. Vidal Junior.
- 139 — Contos da vida e da morte — Coelho Neto.
- 140 — Uma intriga na Côte — Silvan
- 141 — Porque estamos com Bolivia.
- 142 — Greta Garbo — Cesar Arconada.
- 143 — Varanda de Pilatos — Vitorino Nemésio.
- 144 — O grilo do Moinho.
- 145 — A tília negra — A. Dumas.
- 146 — Lendas peninsulares — J. Torres.
- 147 — 4 de Infantaria — Ernest Joan- sen.
- 148 — Torre de Menagem.
- 149 — I Congresso da U. N. — (8 vol.).
- 150 — História do Regime Republicano — (2 volumes).
- 151 — História da colonização portuguesa no Brazil.
- 152 — Para a história da Revolução — Teixeira de Sousa.
- 153 —
- 154 — A Morgadinha dos Canaviaes — (2 exemplares).
- 155 — Do juri criminal — A. Macieira.
- 156 — O navio negro — F. Witschetzki.
- 157 — Política — Garrett.
- 158 — Teatro — Garrett.
- 159 — As colónias portuguesas — Si- mão Laboreiro.
- 160 — Problemas nacionais.
- 161 — Memórias duma mulher da época — Diana de Liz.
- 162 — Preconceitos de nobres — Va- lentim da Silva.
- 163 — As duas paixões de Sabino — Arruda.
- 164 — Libertação — J. F. Rutherford.
- 165 — Primeiro congresso dos portu- gueses — Anais.
- 166 — Novas epanáforas — J. Lucio Azevedo.
- 167 — Como resolver a crise mundial — Alberto Otto.
- 168 — Nos bastidores da Grandê Guer- ra — Adolfo Coelho.
- 169 — Padres, Médicos e Espiritistas — Sousa Prado.
- 170 — Dentro da historia — Antonio Augusto Pires.
- 171 — A desintegração atómica — Julio Hauer.
- 172 — Cegueira do amor — Elinor Clin.
- 173 — A rainha maldita — Michel Ze- vaco.
- 174 — Memórias duma mulher bonita — Ernesto Feydeau.
- 175 — O duque de Ferro — E. Vilhena de Moraes.
- 176 — Se quereis viver desperta e luta — Ellick Morn.
- 177 — O Mistério — Coelho Neto e An- tonio Peixoto.
- 178 — O marqués de Abrantes — Pedro Calmon.
- 179 — Rebelion Armada — Adolf Ehrt
- 180 — A tragédia social (versos) — Darcy Teixeira Monteiro.
- 181 — Argueiros e Cavaleiros — Henri- que Lopes de Mendonça.
- 182 — O arco de Santana — Garrett.
- 183 — Tereza Raquim — Zola.
- 184 — Remorso vivo — Francisco Go- mes Amorim.
- 185 — Posta Restante — João Chagas.
- 186 — Espadas e rosas — Julio Dantas.
- 187 — Frei Luiz de Sousa — Garrett.
- 188 — Noites amorosas — Paulo Kock.
- 189 — O Luxo dos Outros — Paulo Bourget.
- 190 — Milionario artista — Eduardo Noronha.

Melhoramentos na sede

A Direcção do Sindicato em sua reunião de 4 do corrente, resolveu introduzir na sede alguns melhoramentos, que a tornarão mais confortavel e atra- ente.